

## O método de Marx na pesquisa sobre políticas educacionais

*DENISE CAMARGO GOMIDE*

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (UNICAMP)

*MARA REGINA MARTINS JACOMELI*

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (UNICAMP)

### RESUMO

Este artigo tem por objetivo abordar a temática da matriz teórica marxista como enfoque metodológico na pesquisa sobre políticas educacionais para além da simples observação e descrição dos fenômenos sociais, num esforço de clarificação metodológica. Há a necessidade de superarmos as análises redundantes, caracterizadas por conceituação fraca e por um poder de generalização, que se esquia de realizar uma análise crítica com vistas a sua transformação. Com o avanço das concepções neoliberais no processo de definição de políticas educacionais, o materialismo histórico-dialético (MHD) apresenta-se como o enfoque metodológico que contribui para o desenvolvimento de pesquisas neste campo de investigação. Buscaremos apontar alguns elementos fundamentais do MHD que, como ciência filosófica, significou uma mudança fundamental na interpretação dos fenômenos sociais, como também um referencial revolucionário e transformador.

**Palavras-chave:** Materialismo Histórico-Dialético; Políticas Educacionais; Neoliberalismo.

### The Marx method in research about educational policies

### ABSTRACT

This article aims to address the issue of Marxist theoretical framework and methodological approach in research about educational policies beyond mere observation and description of social phenomena, a methodological clarification effort. There is a need to overcome the redundant analysis, characterized by the weak conceptualization and a power of generalization, which dodges to conduct a critical analysis with a view to its transformation. With the advancement of neoliberal concepts in the definition of educational policy process, the historical materialism dialectical is presented as the methodological approach that contributes to the development of research in this field of research. We point out some key elements of the historical materialism dialectical that, as a philosophical science, meant a fundamental change in the interpretation of social phenomena, as well as a revolutionary and transformative framework.

**Keywords:** Historical Materialism Dialectical; Educational Policies; Neoliberalism.

Toda pesquisa, como criação científica, exige uma rigorosa fundamentação epistemológica, uma explicitação clara do posicionamento teórico do pesquisador. A palavra *epistemologia* vem do grego *episteme* que significa ciência, conhecimento; e *logia*, estudo. Chizzotti (1991) define a epistemologia como uma área da filosofia que investiga a natureza do conhecimento, seus fundamentos e as justificativas que validam tal conhecimento como verdadeiro.

Quando nos propomos a estudar a história do pensamento humano, deparamo-nos com duas grandes concepções epistemológicas, fundamentalmente opostas, sobre o mundo e a realidade: a concepção metafísica e a concepção materialista.

A concepção metafísica entende que, para o direcionamento da pesquisa, os métodos de investigação devem ser lineares, lógicos, harmoniosos e a-históricos, guiados pela observação neutra e objetiva dos fenômenos, isentando de realizar uma apreensão da organização, desenvolvimento e transformação desses fenômenos no contexto social. Por concentrar-se apenas na observação do fenômeno, limita-se na aparência exterior e nos movimentos observáveis da sua representação, fazendo da pesquisa um processo técnico de descrição e explicação dos fenômenos, pautado na imparcialidade do pesquisador.

A concepção materialista funda-se na dialética da realidade<sup>1</sup>, isto é, na ideia de que o mundo não pode ser considerado um complexo de coisas acabadas, mas sim um processo de complexos. As coisas e suas representações refletem conceitos na mente, os quais estão em mudanças contínuas e ininterruptas de devir. A dialética fundamenta-se no movimento, tanto do mundo exterior como do pensamento humano. Portanto, só existe dialética se houver movimento (SANFELICE, 2008).

A realidade sobre a qual a concepção materialista se debruça traz consigo todas suas contradições, conflitos e transformações, evidenciando que as ideias são, de fato, reflexos do mundo exterior e objetivo vivenciado pelos sujeitos e que, por isso, são representações do real.

Nessa perspectiva, o grande desafio do pensamento é trazer para o plano racional a dialética do real, buscando a essência do fenômeno, aquilo que está por

<sup>1</sup> A contraposição entre concepção metafísica e concepção materialista reporta-se ao materialismo dialético e não ao materialista mecanicista não-dialético.

detrás da aparência, ou seja, o caráter conflitivo, dinâmico e histórico da realidade (FRIGOTTO, 1991).

A concepção metafísica entende que a definição apriorística do método garante à pesquisa critérios de cientificidade, neutralidade e objetividade; já a concepção materialista entende que o método constitui-se muito mais como uma concepção de realidade que mediará o processo de apreensão do conhecimento do que uma simples ferramenta para medir ou observar os fenômenos sociais. A concepção materialista vai além das leis que regem os fenômenos; busca a lei de sua modificação e de seu desenvolvimento, destacando o dinamismo da práxis transformadora dos homens como agentes históricos.

É fato que muitas pesquisas pautam-se no ecletismo metodológico, característico das perspectivas metafísicas. Esta postura de integração de diferentes pontos de vista implica, como bem aponta Lowy (1995), na caracterização de uma inteligência sem vínculo e, portanto, merece um esforço sistemático para sua superação.

Tratando-se do estudo de políticas educacionais que, geralmente, abordam temas em níveis mais amplos, dentro de um contexto complexo, há a necessidade de superar as análises redundantes, caracterizadas por conceituação fraca e por um poder de generalização, sem outra conotação que não seja a linearidade.

Com o avanço das concepções neoliberais e gerencialistas no processo de definição de políticas educacionais, sobretudo a partir da década de 1990, o materialismo histórico-dialético apresenta-se como o enfoque metodológico mais apropriado e que mais contribui para o desenvolvimento de pesquisas neste campo de investigação. Neste artigo, buscaremos apontar alguns elementos fundamentais deste enfoque:

O materialismo histórico é a ciência filosófica do marxismo que estuda as leis sociológicas que caracterizam a vida da sociedade, de sua evolução histórica e da prática social dos homens, no desenvolvimento da humanidade. O materialismo histórico significou uma mudança fundamental na interpretação dos fenômenos sociais que, até o nascimento do marxismo, se apoiava em concepções idealistas da sociedade humana (TRIVIÑOS, 1987, p. 51).

Criado por Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895), o materialismo histórico-dialético é um enfoque teórico, metodológico e analítico para compreender a dinâmica e as grandes transformações da história e das sociedades humanas.

Na Alemanha do século XIX, Marx dirigiu severas críticas ao governo absolutista da época. Para escapar à caça da polícia alemã, refugiou-se em Paris, onde conheceu Engels, e posteriormente viu-se obrigado a fugir para a Inglaterra. Lá constatou a desesperada miséria na qual a grande indústria havia colocado os operários. A experiência de miséria extrema na qual vivia o proletariado inglês deixou marcas profundas na sua memória, as quais o induziram a sustentar a luta de classes:

Às duas, às três, às quatro horas da manhã, crianças de nove ou dez anos são arrancadas dos seus leitos imundos e obrigadas a trabalhar até às dez horas, onze, doze horas da noite, por um salário de pura subsistência; os seus membros se descarnam, a sua figura se contrai, os traços do seu rosto se embotam e a sua humanidade se enrijece completamente num torpor de pedra, que causa horror a quem os vê (MARX, 1985, p. 357).

Marx definiu a luta de classes como o motor da História e o proletariado, a classe desprovida de todos os direitos e de todos os bens, seria a protagonista da subversão da estrutura opressora da sociedade moderna. A partir desta concepção, Marx inicia seu diálogo com a classe operária, insistindo no caráter efetivo e revolucionário do movimento operário, enfatizando a supressão da propriedade privada. Assim, o marxismo surgiu como um projeto político e ideológico do proletariado que, oprimido pela exploração impiedosa, almejava um futuro diferente.

O aumento da riqueza da sociedade devido à crescente industrialização que concentrava os lucros nas mãos de poucos e, em contrapartida, a crescente pobreza da classe operária, explorada e oprimida pela força cruel do sistema capitalista, imprimia ao movimento comunista um caráter apenas utópico. O sonho com uma sociedade sem classes, em que o fim da propriedade privada dos meios de produção garantisse a todos a satisfação de suas necessidades, precisava revestir-se de cunho científico, capaz de elaborar uma crítica teórica efetiva da sociedade capitalista. Nesse contexto, Marx e Engels escreveram o *Manifesto do Partido Comunista*, onde fizeram uma análise da luta de classes, dos mecanismos de exploração postos em ação pelo capital e dos processos de produção da mercadoria,

terminando com uma convocatória aos operários do mundo inteiro à união. No entanto, a obra máxima de Marx foi *O Capital*, que trata da riqueza da sociedade em que predomina o modo de produção capitalista.

As condições históricas vivenciadas por Marx viabilizaram reproduzir adequadamente as condições da sociedade da época com o objetivo de superar o cenário idealista e compreender os fundamentos da sociedade capitalista do século XIX, construindo, assim, pela reflexão e conhecimento do real, um plano filosófico que busca entender como os homens produzem socialmente a sua existência.

Num primeiro momento, Marx seguiu com entusiasmo a filosofia hegeliana. No entanto, a publicação da obra *Crítica da filosofia do direito de Hegel* representou um acerto de contas com o passado essencialmente filosófico de Marx, a partir do estudo da economia política. É fato que não é possível compreender o “Marx maduro” sem as indagações, vacilações, descobertas e análises realizadas no período de sua juventude. Sem a problemática filosófica, sua obra não seria crítica. Portanto, não podemos pensar a obra de Marx em termos de ruptura. Por fundamentar suas teorizações no processo dialético e histórico, os temas reaparecem nas suas obras, independentemente da periodização. No seu processo intelectual, Marx vai incorporando as questões do seu tempo, assumindo um posicionamento de classe oposto ao de sua origem hegeliana e é nesse contexto que Marx buscou interpretar as ideias de Hegel do ponto de vista revolucionário, proclamando que o que conta não é a interpretação do mundo, como preconizavam os filósofos do seu tempo, mas a mudança. Segundo Marx, o pensamento que vale realmente não é o pensamento puramente cognitivo e contemplativo (idealismo), mas o pensamento que acompanha a ação que modifica as condições de vida dos homens (práxis revolucionária). O que fundamentalmente importa para o materialismo histórico-dialético é a produção de um conhecimento crítico que altere e transforme a realidade anterior, tanto no plano do conhecimento como no plano histórico social, de modo que a reflexão teórica sobre a realidade se dê em função de uma ação para transformar.

Por este motivo, Marx não se limitou aos estudos teóricos, desenvolvendo durante toda a sua vida uma intensa atividade política. O seu legado teórico, em grande parte no estado de manuscritos, foi publicado posteriormente, sobretudo por seu companheiro Friedrich Engels.

Nesse sentido, a grande contribuição de Marx para a perspectiva socialista é a centralidade da luta política a partir de uma profunda análise da realidade que permita compreender o desenvolvimento do modo de produção capitalista e suas contradições. Essa combinação da luta econômica e da luta política são instrumentos fundamentais para alavancar o processo de superação do capitalismo.

Por centrar-se na práxis revolucionária, a proposta do marxismo abandonou o nível do discurso de Hegel e procurou mover-se exclusivamente para o concreto, transformando-se numa política que penetraria nas massas, convertendo-se numa força social capaz de mudar a sociedade e superar os laços opressores do Estado alemão de sua época, fazendo com que Marx e Engels revolucionassem o pensamento alemão ao transformarem as contribuições de Hegel numa forma radicalmente nova de analisar a história e a realidade existente.

Meu método dialético não difere apenas fundamentalmente do método de Hegel, mas é exatamente o seu reverso. Segundo Hegel, o processo do pensamento [...] é o demiurgo do real, e o real a simples forma fenomenal da ideia. Para mim, ao contrário, o ideal não é senão o material transposto e traduzido no cérebro do homem. (MARX & ENGELS, 1976, apud SANFELICE, 2008, p. 73).

O materialismo histórico-dialético, como enfoque metodológico, busca entender o modo humano de produção social da existência vinculando-se, portanto, a uma concepção de realidade, de mundo e de vida. Parte do pressuposto de que o universo e tudo o que nele há tem existência material, concreta, e pode ser racionalmente conhecido. E esse conhecimento que é produzido pelo sujeito, reproduz o real em suas múltiplas determinações com o objetivo de superar a aparência imediata das coisas e atingir a sua essência.

A partir do dado empírico, o real é observado pelo sujeito diretamente em sua aparência e indiretamente em sua essência, de modo a possibilitar o entendimento e o desvelamento dos processos presentes nos fenômenos estudados, distinguindo assim aquilo que é aparente daquilo que é essencial apreender no processo de investigação:

Quando analisamos uma coisa, devemos atentar à sua essência, considerando as aparências apenas como o guia que nos leva até a porta. Uma vez transportada essa porta, há que apreender a essência da coisa. Eis o único método de análise seguro e científico (TSE TUNG, 1972, apud SANFELICE, 2008, p. 83).

Nesta relação sujeito-objeto, o objeto será sempre algo produzido pelo sujeito, resultando numa autoimplicação do sujeito ao objeto, o que evidencia uma relação muito mais de unidade com o objeto do que de identidade. Assim, ao mesmo tempo em que a sociedade produz o homem, ela também é produzida por ele:

A produção das ideias, de representações e da consciência está em primeiro lugar direta e intimamente ligada à atividade material e ao comércio material dos homens, é a linguagem da vida real. São os homens que produzem as suas representações, as suas ideias, etc., mas os homens reais, atuantes e tais como foram condicionados por um determinado desenvolvimento das suas forças produtivas e do modo de relações que lhe corresponde, incluindo até as formas mais amplas que estas possam tomar. A consciência nunca pode ser mais que o Ser consciente; e o Ser dos homens é o seu processo de vida real (MARX e ENGELS, 2007, p. 25).

O homem, como ser social e histórico, determinado por contextos econômicos, políticos e culturais, é o criador da realidade social e transformador desses contextos. Assim, podemos afirmar que o postulado materialista contempla tanto o aspecto ontológico, no sentido de que a matéria, a concretude, é considerada como princípio explicativo do mundo; quanto o aspecto gnosiológico, no sentido de que esta objetividade concreta é o ponto de partida para a construção do conhecimento sobre o mundo.

A pesquisa que se desenvolve pelo viés do materialismo histórico deve contemplar esta concretude entendida como a historicidade do ser, bem como os determinantes econômicos, históricos, políticos e culturais, de modo a considerar, essencialmente, a complexa realidade social presente nos vários momentos históricos. A investigação científica deve responder a algo e este deve ser socialmente construído. Aqui aparece o compromisso social do pesquisador com os valores que lhes são constitutivos (TAMBARA, 2000).

Em cada pesquisa que se pauta pelo enfoque materialista existe um projeto de transformação para a sociedade. Assim, ao estabelecer as máximas relações possíveis para o desvelamento do real, buscando as conexões entre os diferentes aspectos que caracterizam determinada realidade, o fenômeno investigado passa a ser visto a partir de uma perspectiva de totalidade.

Por este motivo, o ponto de partida do pensamento marxista é o fato em si e não a sua representação. A manifestação do fato social em si exige do pesquisador esforço de apreensão da essência, porque o que se manifesta imediatamente é ape-

nas a representação do fato social, ou seja, sua aparência. O pesquisador deve ir além, entendendo que as primeiras impressões destes fatos devem ser superadas, ascendendo às leis fundamentais que estruturam o fato pesquisado e movendo-se do plano abstrato para o plano concreto. Assim, ao final do processo de investigação, o resultado não será mais as representações iniciais do dado empírico, mas o fato social em si concretamente pensado. Esta apropriação teórica não tem como se dar sem a mediação do conhecimento da realidade histórica, até mesmo porque a apreensão do caráter histórico do fenômeno traz consigo toda relatividade, parcialidade e provisoriedade do conhecimento histórico-social (FRIGOTTO, 1991).

O materialismo histórico-dialético, como método de investigação, é essencialmente polêmico e crítico, pois busca superar o senso comum, a maneira de pensar dominante, indo além da reflexão que se esgota em si mesma. O conhecimento crítico, nesta perspectiva, pauta-se por uma postura de transformação da realidade, ou seja, uma reflexão que implica em movimento, em mudança, e não apenas se limitar à análise crítica. A apreensão da realidade em sua gênese na concepção dialética articula, a todo momento, teoria e prática.

Assim, o materialismo histórico-dialético se dá a partir de três movimentos simultâneos: de crítica, de construção do novo conhecimento e de ação com vistas à transformação. Para ser materialista, histórica e dialética, a investigação deve considerar a concretude, a totalidade e a dinâmica dos fenômenos sociais, que não são definidos à priori, mas construídos historicamente.

Este processo de articulação das múltiplas dimensões do fenômeno com a totalidade mais ampla requer ainda uma ordenação lógica e coerente do que se captou da realidade estudada de modo que não se negligencie o caráter histórico do objeto de conhecimento e as cinco categorias fundamentais da perspectiva dialética: contradição, totalidade, mediação, reprodução e hegemonia (CURY, 1986).

A *categoria de contradição* rebate a concepção de linearidade, pois parte do entendimento de que nada existe em permanência e, portanto, toda realidade é passível de superação. A *categoria de totalidade* busca a conexão dos aspectos particulares com o contexto social mais amplo que produz as contradições. A *categoria de mediação* parte do pressuposto de que o homem é mediador das relações

sociais e, portanto, agente para intervenção no real. A *categoria de reprodução* aponta para o fato de que o modo de produção capitalista, para se manter, tende a se reproduzir, mesmo que com pequenas mudanças que não chegam a ser estruturais, mas apenas adaptativas a este modo de produção. A *categoria de hegemonia* preconiza que a ideologia da classe dominante e sua concepção de sociedade, de valores e de relações sociais são reproduzidas a ponto de que estes ideais de sociedade sejam um consenso entre os cidadãos.

Como a dialética parte do movimento, da mudança, para que a pesquisa seja materialista histórico-dialética, exige-se uma constante revisitação e reconstrução da teoria, justamente porque este enfoque parte da historicidade do fenômeno e, por se tratar de conhecimento histórico, é parcial, provisório e relativo, necessitando ser revisitado e reconstruído constantemente.

As políticas educacionais fazem parte da totalidade social e não se pode tratá-las de modo isolado. O estudo da sua gênese, de seu movimento e de suas contradições direcionará a pesquisa para a constante busca de um conjunto amplo de relações, particularidades e detalhes que possibilitarão captar o seu movimento nesta totalidade.

Considerando ainda que a implementação de uma política pública é marcada por interesses econômicos, políticos e ideológicos, não é possível captar o significado de uma política educacional sem compreender a lógica global do sistema orgânico do capital.

Nesse sentido, a articulação entre singularidade, particularidade e universalidade, que o enfoque materialista histórico-dialético proporciona, enriquece as reflexões decorrentes do processo de investigação sobre políticas educacionais. Singularidade, no sentido de que a análise de uma política educacional é um recorte da realidade que ganha significado tanto na particularidade do momento histórico em que é concebida como nas determinações universais do capitalismo global.

A investigação sobre políticas educacionais implica, portanto, no resgate da historicidade do fenômeno, buscando investigá-lo sob a perspectiva histórica no sentido de desvelar os conflitos, contradições, interesses e ideologias que estão por detrás da implementação de tais políticas e, nesse sentido, é preciso

reconhecer o campo das políticas educacionais como um domínio de investigação histórica, resgatando a historicidade cíclica e superando a investigação puramente narrativa e descritiva dos fatos. A mediação histórica no estudo das políticas educacionais permite uma compreensão global do fenômeno em seu desenvolvimento, elucidando como o presente dá significação ao passado, de modo que, numa perspectiva materialista histórico-dialética, potencialize a capacidade dos agentes históricos, ou seja, o conhecimento da mudança. Não há como compreender o presente sem o aporte substancial da história, sem o debruçar crítico sobre as injunções dos acontecimentos passados no fenômeno presente.

No entanto, não podemos ignorar o fato de que na concepção materialista do conhecimento o esforço reflexivo não deve se limitar à análise crítica. A análise crítica da realidade de modo a despertar a conscientização deve estar associada a uma prática social que é o fundamento e o limite do processo de conhecimento entendido como práxis transformadora e instrumento de luta. Isso atribui ao conhecimento produzido um caráter não somente histórico, mas também político na medida em que, para além da formação da consciência e da resistência nas situações de conflito, propõe uma participação ativa dos agentes históricos na organização social.

A marca da postura crítica do enfoque materialista vai além do desvelamento do conflito de interpretações sobre a realidade. Esta visão, por manifestar um interesse transformador da realidade, busca desvelar o conflito dos interesses.

O pesquisador, na condução das pesquisas sobre políticas educacionais a partir do enfoque metodológico materialista histórico-dialético, deve, essencialmente, apreender a totalidade da qual a problemática levantada faz parte, identificando inclusive os sujeitos históricos a quem essa problemática se refere. Isto implica ainda num resgate das produções teóricas sobre esta problemática, de modo a identificar o que se já produziu, o que já se evidenciou e o que necessita ser aprofundado e/ou revisitado, até mesmo no sentido de uma ruptura. Portanto, não há como investigar uma determinada realidade sem uma postura teórica desde o início da investigação que possibilite apreender claramente as múltiplas dimensões do problema que se pretende desvendar. A pouca familiaridade do pesquisador com o trato da teoria, com a reflexão filosófica e a epistemologia da

ciência compromete a qualidade da pesquisa. Pesquisadores, vítimas da falta de preparo científico e filosófico, debatem em suas pesquisas argumentos já envelhecidos e conhecidos só de segunda mão. É imprescindível uma acuidade rigorosa com o desleixo teórico, até mesmo no que diz respeito à crítica às fontes.

A fundamentação teórica do pesquisador desafia o movimento do pensamento no sentido de analisar os dados a partir das conexões, mediações e contradições, superando as primeiras impressões empiricistas (aparência) com vistas ao desvelamento do real, à análise das relações entre a parte e o todo (essência). É um movimento que vai contra as argumentações retóricas e pouco argumentativas, que partem somente da premissa imediatamente manifesta que se admite como universalmente verdadeira sem exigência de demonstração, como se bastasse afirmações pautadas em achismos que exaltam a supremacia subjetivista e proclamam o relativismo da verdade (a verdade de cada um), não se preocupando com a refutação detalhada e rigorosa das posições contrárias.

É importante também um cuidado com os extremos da atuação do sujeito-pesquisador. Tanto a negação do sujeito agente do conhecimento, que em nome da neutralidade científica se distancia por completo do objeto para apenas descrevê-lo, como a exaltação da subjetividade, que se isenta de fazer interrelações com as determinações macroestruturais, devem ser objetos de intensa vigilância.

A defesa de um pensamento que valoriza a subjetividade, o microscópico, o singular, é definido por Zaidan Filho como resultado de um contexto de profunda crise de modernidade:

[...] o que os críticos da modernidade, os 'pós-modernos', elegeram em troca da racionalidade moderna e seus grandes temas (o progresso, a ciência, a revolução, a felicidade, a verdade, etc) foi a valorização do particular, do fragmentário, do efêmero, do microscópico, do sensual, do corpóreo, do prazer, etc. A 'pós-modernidade' rejeita decididamente a predileção pelas grandes sínteses, pelo conhecimento das causas primeiras, pela busca do sentido da História (ZAIDAN FILHO, 1989 apud LOMBARDI, 2000, p. 22).

Para chegar a resultados fecundos e discussões mais ricas do ponto de vista teórico metodológico, a vigilância epistemológica proposta por Santos (1991) deve ser um exercício constante, no sentido de dispensar atenção sobre os fatos e acontecimentos relevantes para o objeto científico; cuidar com a aplicação rigorosa dos métodos de investigação e interpretação, bem como com o julgamento

dos métodos em si mesmos, como um momento de seu próprio procedimento de apreensão do real.

De acordo com Paulo Netto, a riqueza cultural do sujeito que pesquisa é o que garantirá o bom resultado da investigação e essa riqueza implica o conhecimento de modelos e padrões analíticos que direcionará suas opções, as quais devem ser explicitadas na pesquisa. No entanto, sem acenar para um anarquismo metodológico, Netto afirma que:

[...] nenhuma formação teórico-metodológica é garantia de êxito na investigação. Ela é um dos componentes da investigação e deve ser um componente fundamental. Não há pesquisa rica feita por sujeito ignorante, mas só o sujeito culturalmente rico não constitui garantia para o êxito da pesquisa. Quase sempre nós temos uma noção muito linear da pesquisa, sobretudo quando a gente lê as teses. O sujeito formulou hipóteses, encontrou variáveis, fez uma pesquisa riquíssima. Quem faz pesquisa sabe que não é assim. Há idas e vindas, você abandona supostos, tem que reciclá-los, retificá-los, frequentemente a hipótese inicial serviu só como um condutor que foi logo substituído quando você encontrou o rumo. (NETTO, 2000, p. 64).

Assim, ao mesmo tempo em que o pesquisador deve ficar atento ao rigor dos conceitos teóricos e à procura de respostas para a problemática levantada, deve estar livre para captar as tramas da realidade investigada de modo que a sensibilidade dele possibilite captar as entrelinhas (a essência), o que exige um conhecimento prévio da realidade investigada.

Considerando que a educação, como prática social, é resultante das determinações econômicas, sociais e políticas, atuando na reprodução da ideologia dominante, como também reproduzindo as contradições que dinamizam as mudanças e possibilitam novas formações sociais, a análise das políticas educacionais deve estar associada a um processo de produção de um conhecimento efetivamente transformador e politicamente engajado, lembrando que, para Marx, o conhecimento teórico é necessariamente conhecimento político. A proposta do materialismo histórico-dialético contempla esta apropriação crítica e interveniente do processo histórico para a compreensão do fenômeno no presente, no intuito de possibilitar um conhecimento cíclico, em processo de evolução, que rebata os trabalhos meramente confirmatórios, politicamente inofensivos e ideologicamente difusos (TAMBARA, 2000).

Investigar políticas educacionais requer o desenvolvimento da capacidade de captação, análise e compreensão não só do que é conservado, mas fundamentalmente do que é mudado e criado, e este processo de mudança e criação se dá dentro de limites muito estreitos, dadas as condições estruturais de origem e desenvolvimento da sociedade brasileira, o que exige, portanto, um alto grau de acuidade para captar este movimento.

É fato que a compreensão das teses de Marx exige uma ruptura com o senso comum e um caminhar do abstrato para o concreto. Exige ainda um entendimento de que a leitura que ele faz da realidade social tem como fundamento uma sociedade assentada na dominância do modo de produção capitalista e, portanto, medularmente contraditória e tencionada por sujeitos históricos. Por este motivo, a universalidade do pensamento de Marx está restrita aos quadros da ordem do capitalismo.

O objeto de análise da teoria marxista é a ordem burguesa e, mais especificamente, o nível do movimento do capital, adotado por Marx como o ponto de partida para a análise da sociedade, não esgotando esta análise em absoluto. Por isso, é importante ter consciência dos limites de suas análises.

Sendo assim, para a análise crítica da sociedade capitalista, o pensamento marxista se apresenta na contemporaneidade como um referencial revolucionário e transformador da ordem existente.

Ademais, compreender Marx implica ainda em recusar as posições dogmáticas e apaixonadas, de modo a buscar uma consciência crítica para que, mediada pela conjuntura histórica, permita analisar os oportunismos do momento que apontam o marxismo como uma concepção ultrapassada, que não responde às necessidades de uma época globalizada. A perspectiva revolucionária de Marx se mantém atual na análise da sociedade burguesa e, como diz Hobsbawm:

[...] Quanto ao futuro previsível, teremos que defender Marx e o marxismo dentro e fora da história, contra aqueles que os atacam no terreno político e ideológico. Ao fazer isso, também estaremos defendendo a história e a capacidade do homem de compreender como o mundo veio a ser o que é hoje, e como a humanidade pode avançar para um futuro melhor. (HOBSBAWN, 1998, p. 184).

Para refletir sobre esse complexo quadro da implementação de políticas educacionais, este esforço não pode ser assumido somente como um mero exercício acadêmico, desprovido de vida e sentido. E como alerta Lombardi (2000)

[...] procurando manter vivo o rigor histórico e lógico que a elaboração científica exige, é necessário contribuir para transformar o mundo existente e para manter aceso o sonho de que um dia iremos construir uma sociedade mais justa, igualitária e humana. Uma sociedade socialista que floresça da democracia da maioria, que se consolide na igualdade social com liberdade e pluralismo e na qual os homens possam desenvolver, plenamente, sua forma de ser. (LOMBARDI, 2000, p. 29).

## REFERÊNCIAS

- BOTTOMORE, T. **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1987.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.
- CURY, C.R. J. **Educação e Contradição**. São Paulo: Cortez, 1986.
- FRIGOTTO, G. *O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional*. In: Fazenda, I. (Org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 1991.
- HOBSBAWM, E. J. **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras. 1998.
- LOMBARDI, J. C. *Historiografia educacional brasileira e os fundamentos teóricos-metodológicos da história*. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **Pesquisa em Educação. História Filosofia e Temas Transversais**. 2ªed. Campinas – SP: Autores Associados. Histedbr; Caçador, SC: UnC, 2000.
- LOWY, M. **Método dialético e teoria política**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- MARX, K. **O capital: crítica da economia política**. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985. v. I. (Coleção Os Economistas.).
- MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. Trad. Rubens Enderle, Nélcio Schneider, Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.
- NETTO, J. P. *Relendo a Teoria Marxista da História*. In: SAVIANI, Demerval, LOMBARDI, José Claudinei, SANFELICE, José Luis (orgs). **História e História da Educação: O Debate Teórico-Metodológico Atual**. Campinas – SP: Autores Associados. 2000.
- SANFELICE, J. L. *Dialética e Pesquisa em Educação*. In: LOMBARDI, J.C.; SAVIANI, D. (Orgs.). **Marxismo e Educação: debates contemporâneos**. 2ªed. Campinas, SP: Autores Associados: Histedbr, 2008.
- SANTOS, J. V. T. **A construção da viagem inversa: ensaio sobre a investigação nas ciências sociais**. Cadernos de Sociologia. Porto Alegre, jan/jul, 1991.
- TAMBARA, E. *Problemas teórico-metodológicos da História da Educação*. In: SAVIANI, D.; LOMBARDI, J. C.; SANFELICE, J. L. (Orgs.). **História e História da Educação: O Debate Teórico-Metodológico Atual**. Campinas – SP: Autores Associados, 2000.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas. 1987.

**DENISE CAMARGO GOMIDE**

Pedagoga, mestre e doutoranda em Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Possui Especialização em Gestão da Rede Pública pela USP - Universidade de São Paulo (2011). Atualmente é Supervisora de Ensino na Secretaria da Educação do Estado de São Paulo e pesquisadora do grupo HISTEDBR (História, Sociedade e Educação no Brasil). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em História da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: história da educação brasileira, pensamento pedagógico brasileiro e história das políticas educacionais.

E-mail: [dcgomide@gmail.com](mailto:dcgomide@gmail.com)

**MARA REGINA MARTINS JACOMELI**

Pedagoga, Mestre e Doutora em Educação pela PPGE/UNICAMP. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em História da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, história da educação, pedagogia e políticas educacionais. É, atualmente, Coordenadora Geral do Programa de Pós-graduação em Educação da Unicamp e Coordenadora local do Grupo de Pesquisa do HISTEDBR (História, Sociedade e Educação no Brasil), da mesma Instituição.

E-mail: [mararmj@unicamp.br](mailto:mararmj@unicamp.br)